

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA
GRADUAÇÃO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

REGINA MARIA DA SILVA

MODELAGEM DIDÁTICA: INCLUSÃO DE ALUNOS CEGOS
NAS AULAS DE BIOLOGIA

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA
GRADUAÇÃO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

REGINA MARIA DA SILVA

**MODELAGEM DIDÁTICA: INCLUSÃO DE ALUNOS CEGOS
NAS AULAS DE BIOLOGIA**

TCC apresentado ao curso de licenciatura em ciências biológicas da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, como um dos requisitos exigidos para obtenção do grau de licenciada em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Maria Zélia de Santana
Coorientador: Paulo Roberto Pergentino das Candeias

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

2022

Catálogo na Fonte
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFPE. Biblioteca Setorial do CAV.
Bibliotecária Giane da Paz Ferreira Silva, CRB-4/977

S586e Silva, Regina Maria da.
Modelagem didática: inclusão de alunos cegos nas aulas de
biologia / regina Maria da Silva. - Vitória de Santo Antão, 2022.
22 f.; il.

Orientadora: Maria Zélia de Santana
Coorientador: Paulo Roberto Pergentino das Candeias

TCC (Graduação)-Universidade Federal de Pernambuco, CAV,
Licenciatura em Ciências Biológicas, 2022.
Inclui referências.

1. Deficiência visual. 2. Inclusão. 3. Modelo didático. 4. Estudo
dos tecidos. 5. Escolas públicas I. Santana, Maria Zélia de
(Orientadora). II. Candeias, Paulo Roberto Pergentino das.
(Coorientador). III. Título.

371.9046 CDD (23. ed.)

BIBCAV/UFPE - 082/2022

REGINA MARIA DA SILVA

**MODELAGEM DIDÁTICA: INCLUSÃO DE ALUNOS CEGOS
NAS AULAS DE BIOLOGIA**

Trabalho de conclusão de curso de
Licenciatura em Ciências Biológicas da
Universidade Federal de Pernambuco,
Centro Acadêmico de Vitória, como um
dos requisitos exigidos para obtenção do
grau de licenciado em Ciências Biológicas.

Aprovado em: 13/05/2022

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. Maria Zélia Santana (Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco

(Paulo Roberto Pergentino das Candeias)

Universidade Federal de Pernambuco

(Alessandra Maria dos Santos)

Universidade Federal de Pernambuco

DEDICATÓRIA

Primeiramente dedico a Deus, pois sem Ele não sou nada; à minha mãe, Edjane Maria da Silva, ao meu pai, Luiz Bernardo da Silva e ao meu esposo Jhonatan Santos da Silva, por sempre terem me apoiado em cada momento da minha caminhada acadêmica, principalmente nos episódios mais difíceis, tolerando os meus momentos de fraqueza e me ajudando a superá-los.

Regina Maria da Silva.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem Ele nada acontece, e acredito que todas as coisas cooperam para o bem, daqueles que o amam. À minha mãe Edjane Maria da Silva, que não mediu esforços para me ajudar nos momentos que me infundiam insegurança quanto a conseguir êxito no trabalho;

Ao meu pai Luiz Bernardo da Silva que, assim como minha mãe, esteve comigo em todos os momentos, me apoiando e me incentivando a escrever sempre; Ao meu esposo, Jhonatan Santos da Silva, que esteve sempre ao meu lado, me incentivando e me ajudando em orações; A professora/orientadora, Maria Zélia de Santana, por contribuir me ajudando nesse processo, sem ela eu não teria conseguido; E por fim, aos nossos professores e amigos que tivemos o prazer e o orgulho de os ter conhecido durante a graduação, foi uma benção tê-los em minha vida, cuja amizade espero manter, após o término do curso.

Regina Maria da Silva.

RESUMO

A inserção de modelos didáticos está se tornando cada vez mais comum no ambiente escolar através dos professores, estratégias metodológicas e inclusivas que prendem a atenção do aluno, faz com que o processo de ensino aprendizagem se torne mais prazeroso e eficaz. Nos dias atuais, onde muito se fala sobre inclusão pouco se faz, e nós como futuros docentes precisamos promover a inclusão dentro das salas de aulas. O presente trabalho propõe a inserção de um modelo didático para as aulas de ciências do ensino fundamental, confeccionado em uma base de isopor e revestido com variadas texturas em biscuit, afim de representar alguns tipos de tecidos (tecido epitelial, tecido cartilaginoso e o músculo estriado esquelético), que estão presentes no corpo humano. Este recurso, além de facilitar a aprendizagem dos alunos cegos, ele vai permitir a relação do conteúdo teórico ministrado, com as estruturas dos tecidos apresentadas; estrutura essa, totalmente palpável e dinâmica que possibilitará uma aprendizagem mais significativa de alunos com deficiência.

Palavras-chave: Deficiência visual, inclusão, modelo didático, estudos dos tecidos, escolas públicas.

ABSTRACT

The insertion of didactic models is becoming increasingly common in the school environment through teachers, methodological and inclusive strategies that hold the student's attention, makes the teaching-learning process more enjoyable and effective. Nowadays, where much is said about inclusion, little is done, and we as future teachers need to promote inclusion within the classrooms. The present work proposes the insertion of a didactic model for elementary school science classes, made on a styrofoam base and coated with various textures in biscuit, in order to represent some types of tissues (epithelial tissue, cartilaginous tissue and striated muscle skeletal), which are present in the human body. This resource, in addition to facilitating the learning of blind students, will allow the relationship between the theoretical content taught and the tissue structures presented; This structure, totally palpable and dynamic, will enable a more meaningful learning of students with disabilities.

Keyword: Visual impairment, inclusion, didactic model, fabric studies, public schools.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. OBJETIVO GERAL.....	12
2.1 Objetivo específico.....	12
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
3.1 Inclusão	13
3.2 Tipos de tecidos.....	14
3.3 RECURSOS INCLUSIVOS.....	15
4. METODOLOGIA.....	17
5. RESULTADO E DISCUSSÃO.....	18
6.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS.....	21

1 INTRODUÇÃO

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade,
sem ela tampouco a sociedade muda.”

(PAULO FREIRE)

Sabemos o quanto a educação é transformadora e como ela tem o poder de mudar a vida de tantas pessoas. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96) é a legislação que regulamenta o sistema educacional (público ou privado) do Brasil, nas etapas da Educação Básica ao Ensino Superior, positivada como um direito fundamental para todos, no caso da etapa da Educação Básica.

O Estatuto da Pessoa com deficiência também aborda, em seu artigo 40, sobre o direito à educação inclusiva de qualidade para pessoas com deficiência como ferramenta fundamental para que essas pessoas alcancem e mantenham um nível adequado de aprendizagem, de acordo com suas características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem (BRASIL, 2015).

Ao falar da educação inclusiva, é crucial resgatar o histórico de lutas, conquistas e estudos que consolidaram essa estratégia pedagógica como um modelo de avanço educacional. Ao longo da década de 90, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e movimentos sociais em defesa dos direitos das pessoas com deficiência se mobilizaram em torno desse tema, resultando na publicação de importantes documentos. Desde a Declaração de Salamanca em 1994, até a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, adotada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2006, e incorporada à Constituição federal, na forma da Lei Brasileira de Inclusão (LBI) em 2015, um amplo cobertor legal se formou para amparar o combate à segregação e ao capacitismo.

Historicamente, a diversidade de habilidades e características físicas e intelectuais foi categorizada pelo saber médico e científico na forma de padronizações excludentes. Nesse sentido, conformou-se ao longo do século 18 o chamado “corpo normal”, isto é, uma medida arbitrária de humanidade calcada em um conjunto de características tidas como necessárias para se constituir enquanto um sujeito de direitos. Uma pessoa que não atendessem a essas expectativas era definida como menos capaz e, por conseguinte, excluída dos espaços de convivência social, educação e trabalho. A esse fenômeno histórico e social dá-se o nome de capacitismo, o qual resulta da exclusão sistemática e estrutural de pessoas com deficiência.

A LBI é uma grande conquista na medida em que vai na contramão desse passado histórico, definindo a deficiência como atributo que não pode ser descolado do contexto, uma vez que se dá na interação de uma pessoa que possui uma ou mais características que divergem do padrão com barreiras. Em outras palavras, a deficiência – seja ela de que ordem for – só existe na relação com um mundo repleto de impedimentos para a plena inclusão da pessoa que a possui. As barreiras podem ser arquitetônicas (portas estreitas, banheiros não adaptados, por exemplo); urbanísticas (calçada desnivelada, falta de piso tátil e sinal sonoro em semáforos, entre outros); nos transportes (ausência de rampas e corrimão); na comunicação (ausência de libras, legendas, texto alternativo etc.); tecnológicas (que impedem o acesso à tecnologia); e/ou atitudinais.

As barreiras atitudinais são um conjunto de preconceitos e predisposições contrárias à presença e inclusão de pessoas com deficiência na sociedade. Imaginar que uma criança com deficiência atrapalha o processo de ensino e aprendizagem de outros estudantes é um dos exemplos mais contundentes e comuns dessa discriminação, como reproduziu o atual ministro da Educação, Milton Ribeiro. As conquistas legais nesse campo consolidaram, contudo, a corresponsabilidade entre Estado e sociedade na eliminação de barreiras, de modo a possibilitar que pessoas com deficiência se desenvolvam de maneira autônoma e independente. Pensando nas implicações diretas desse debate para a educação, Rodrigo Hübner Mendes – superintendente do Instituto Rodrigo Mendes, referência na promoção de práticas inclusivas – compreende que: “No âmbito da educação, tal perspectiva gera impactos contundentes no

modo de pensar o acolhimento das diferenças humanas no ambiente escolar, uma vez que desconstrói o cômodo argumento de que a escola e os professores estão dispostos a atender ao aluno com deficiência desde que ele se adapte ao modelo presente.

Além disso, a convenção esclarece que as pessoas com deficiência não devem ser excluídas do sistema educacional geral sob alegação de deficiência. Ao contrário, devem ter acesso ao ensino em igualdade de condições com os demais estudantes, de modo a conviver plenamente com toda a comunidade escolar.

Atualmente, por meio da inclusão, os alunos cegos ou com baixa visão estão inseridos nas escolas regulares de ensino e em muitos casos são encontradas dificuldades no processo de aquisição do conhecimento, já que na maioria das vezes somente reproduzem o que é descrito pelo professor e raramente são apresentados textos em Braille ou materiais alternativos (PLAMER *et al.*, 2016).

O Braille consiste em uma disposição de combinação de 63 pontos em relevo no papel, permitindo a alfabetização de pessoas cegas. Foi criado por Luiz Braille, um jovem que nasceu em 4 de janeiro 1809, em Coupvray, uma aldeia a leste de Paris. Aos 3 anos de idade feriu um dos olhos, o ferimento infeccionou e a infecção passou para o outro olho, ficando totalmente cego (COSTA, 2018).

Segundo Santos *et al.*, (2016), a análise do uso do Braille e do áudio livro mostra preferência das pessoas cegas pelo uso do Braille, mas o áudio livro continua sendo um recurso a ser explorado pelos mesmos. O Instituto Benjamin Constant atua de forma ainda mais ampla que no meio educacional, servindo como centro de referência na área, capacitando profissionais, assessorando e realizando projetos em escolas e instituições, além de produzir materiais acessíveis, como livros impressos em Braille.

Os modelos didáticos são de extrema importância para o público de alunos com deficiência visual ou cegos, pois ele traz uma melhor assimilação dos conteúdos ministrados, consequentemente um maior acompanhamento por

meio dos educandos, facilitando também o trabalho dos docentes com esse público específico.

2 OBJETIVO GERAL

Propor um modelo didático inclusivo sobre tecidos para o ensino do conteúdo programático do 8º ano fundamental, para alunos cegos ou de baixa visão.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as dificuldades enfrentadas nas aulas de ciências através de uma análise prévia dos mesmos.
- Apresentar modelos didáticos diversos para assuntos específicos, aproximando e incluindo esses alunos para uma aprendizagem mais eficaz.
- Promover a inclusão desse aluno aos conteúdos ministrados nas aulas de ciências, e conseqüentemente facilitar a interação entre aluno e ensino-aprendizagem.
- Identificação das estruturas por meio do modelo didático que se apresenta com texturas e formatos diferentes.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Inclusão

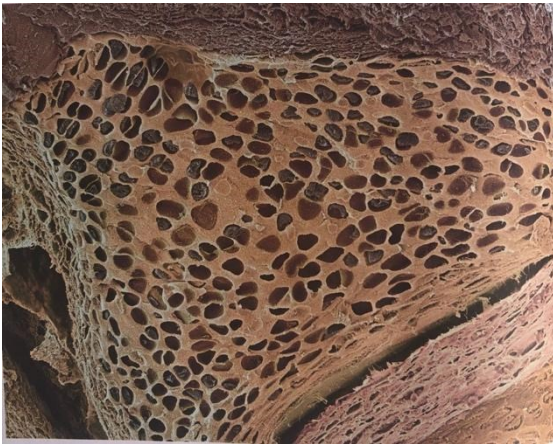
As discussões sobre as políticas públicas da educação especial, voltadas para a inclusão escolar, seus programas e estratégias, particularmente as que propõem melhoria da qualidade educacional, são sempre importantes. De acordo com Freitas (2004), o discurso ideológico da qualidade é utilizado no próprio interior da escola, na medida em que ocorre legitimação da exclusão do aluno com deficiência, a ideologia do esforço pessoal (O empenho pessoal em determinadas tarefas, ou na busca de certos objetivos), cumpre um papel fundamental. Responsabilizando o aluno pelo seu fracasso escolar, ou seja, ele é culpado pela sua deficiência e dificuldade no processo de inclusão escolar (CAIADO, 2003).

Já Para Souza (2011) as estratégias políticas para promoção das reformas passam pelo discurso do alcance das metas de qualidade, considerando que as discussões no âmbito da educação inclusiva, as características de participação e de democratização de todos apontam para a necessidade de investimento mais intenso na qualidade do ensino, oferecido pelos sistemas federal, estadual e municipal.

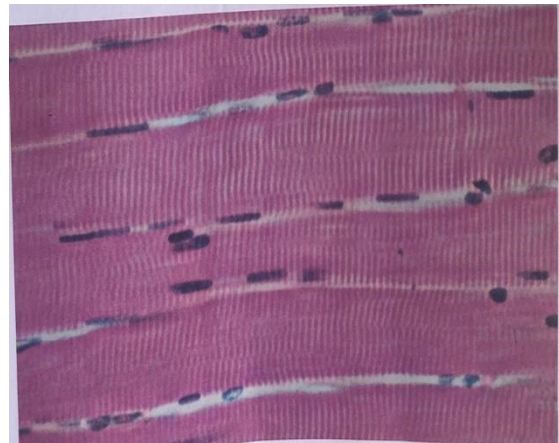
Há alguns anos atrás a inclusão de portadores de deficiência no âmbito escolar ainda era considerada um tabu, o que mudou com o passar dos anos, onde a sociedade vem se modernizando e pensando em estratégias para incluí-los cada vez mais nas escolas e no convívio com a sociedade.

A inclusão de pessoas com qualquer necessidade especial é prevista e garantida por lei nº 13.146 artigo I “promover condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.” (BRASIL, 2019, p. 1).

3.2 Tipos de Tecidos e Base Para o Modelo Didático



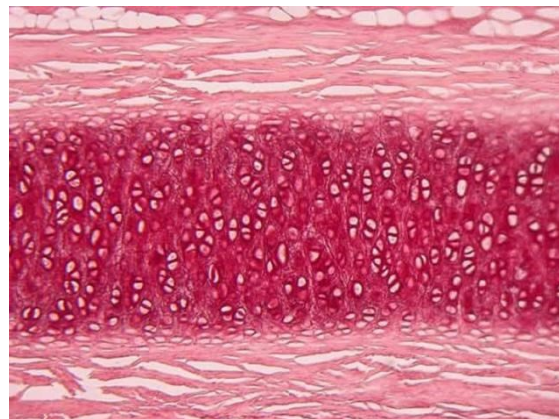
Livro didático



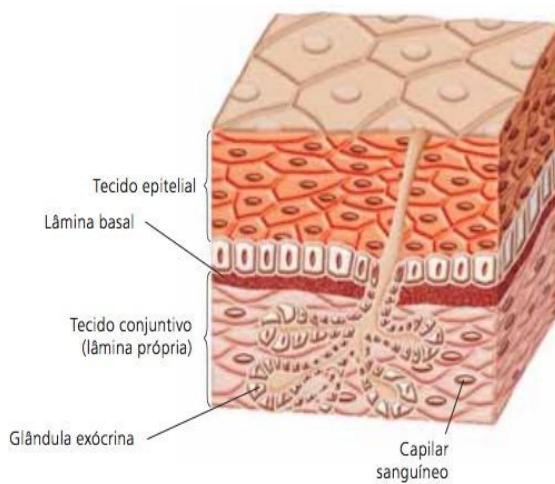
Livro didático



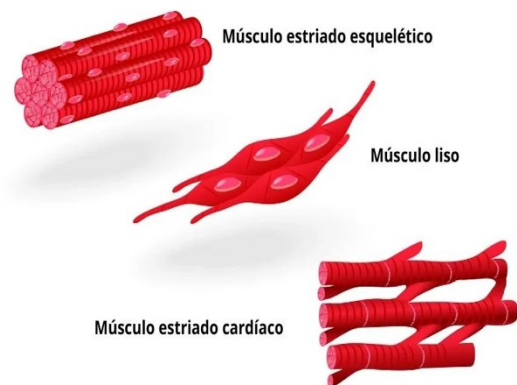
Livro didático.



Internet



Internet



Internet

3.3 Recursos inclusivos

Pontes e Fernandez (2018) também descrevem diferentes técnicas utilizadas na adaptação de recursos didáticos em relevo tátil. As mais utilizadas são as artesanais cujas matrizes gráficas são confeccionadas a partir de diversos materiais (barbante, fitas, miçangas, tecidos, papéis com diferentes gramaturas e texturas, entre outros) e as computadorizadas, produzidas a partir de programas específicos que criam imagens que são transformadas em gráficos táteis e impressas em impressoras Braille.

Dessa forma, as TAs podem ser disponibilizadas em vários contextos sociais e auxiliar na proposição de uma vida mais independente para as pessoas com deficiência. Para que isso aconteça, é imprescindível que se tenha informação sobre o assunto: onde comprar as industrializadas, onde pesquisar modelos alternativos, que tipos de materiais alternativos e de baixo custo pode ser utilizado, como proceder na montagem da tecnologia em questão e como utilizá-las.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) a história dos seres vivos deve ser abordada com o intuito de propiciar aos estudantes o entendimento das relações evolutivas de parentesco entre os organismos. Trabalhar o conteúdo de invertebrados na disciplina de Ciências necessita de livros didáticos, aparelhos multimídias entre outros recursos didáticos que possibilitam aos alunos observarem a diversidade de animais que cada filo representa. Assim, o ensino de invertebrados em Ciências e Biologia, pensando numa perspectiva inclusiva para alunos cegos, constitui um grande desafio para professores sendo necessário refletir metodologias eficazes para tal.

Segundo Elias *et al.*, (2016) os modelos didáticos apresentam-se como recursos favoráveis para uma aprendizagem contextualizada e significativa, além de representarem uma forma lúdica de instigar os alunos a pensarem e

produzirem novos conhecimentos. Os modelos didáticos tridimensionais podem contribuir com a educação inclusiva facilitando o processo de ensino-aprendizagem de alunos com deficiência visual. Sendo instrumentos sugestivos e que podem ser eficazes na prática docente diante da abordagem de conteúdos que, muitas vezes, são de difícil compreensão pelos estudantes (SETÚVAL BEJARANO, 2009).

Conforme Oliveira et al., (2016) a visão é um dos canais sensoriais mais importantes de relacionamento do indivíduo com o mundo exterior, sendo que a deficiência visual é caracterizada pelo acometimento total da visão ou parcial. No Brasil, de acordo com o Censo de 2010, a ocorrência de deficiência visual, afeta 18,6% da população brasileira, destaca-se ainda no Censo que 3,4% possuem deficiência visual severa e 1,6% do total de pessoas com deficiência são totalmente cegas (IBGE, 2012).

Na literatura encontra-se materiais didáticos de ciências ou biologia inclusivos para alunos cegos, como maquete e mini apostila de embriologia (SOUZA et al., 2011) modelos didáticos dos artrópodes (BESERRA BRITO, 2012) mini museus de Ciências (COSTA - PINTO et al., 2005) modelos didáticos do filo Annelida (SANTOS, 2017) etc. Porém, esses materiais dificilmente são encontrados nas escolas públicas, quer seja pela dificuldade de encontrar modelos didáticos específicos para determinado conteúdo ou pelo alto custo, que dificultam a sua aquisição, tornando os de difícil acesso. O sucesso da inclusão está atrelado a permitir que o aluno tenha uma educação de qualidade que lhe possibilite desenvolver sua consciência crítica e participação ativa na sociedade. (SILVA et al., 2016).

Deste modo, se faz necessário a elaboração de um recurso didático adequado para o processo de ensino e aprendizagem do conteúdo sobre invertebrados para alunos com deficiências visuais, mas que também poderá auxiliar os estudantes que não possuem dificuldade visuais, tornando assim, um material inclusivo a ser utilizado em sala de aula.

4. METODOLOGIA

Este estudo apresenta uma abordagem qualitativa, do tipo descritiva participativa pois a investigação ocorreu por meio de uma etapa.

Construção de modelos didáticos de baixo custo dos principais conteúdos ministrados para alunos cegos e de baixa visão a fim de promover uma melhor aprendizagem do conteúdo.

Para a confecção do modelo proposto, foi analisado inicialmente o livro didático *Inspire ciências* de Roberta Bueno e Thiago Macedo, a fim de obter quais conteúdos poderiam ser trabalhados com modelo didático, seus representantes e suas características mais significantes de acordo com cada etapa de ensino, como propõe Bezerra e Brito (2012), ao trabalhar com modelagem de artrópodes.

Usamos os seguintes materiais para construção do modelo:

- Massa para biscuit;
- Isopor;
- Pigmento;
- Palitos e canudos para simulação das texturas.

Esse modelo pode ser usado nas aulas de ciências e biologia, com a temática de tecidos, o mesmo facilitará a ministração das aulas por meio do professor, quanto a aprendizagem por meio do aluno.

Ressaltando que, o modelo didático proposto apresenta as estruturas dos tecidos: epitelial, cartilaginoso e do músculo estriado esquelético, com tamanhos e texturas diferentes, permitindo-o a identificação das estruturas mencionadas.

5. RESULTADO E DISCUSSÃO



Tecido cartilaginoso



Tecido cartilaginoso



Tecido epitelial.



Tecido epitelial.



Músculo estriado esquelético.



Músculo estriado esquelético.

Durante a construção dos modelos relacionados aos tecidos, foi observado em primeiro momento que ele deveria ter estruturas em alto relevo e formato 3D, para melhor identificação e compreensão dos alunos com deficiência visual, através do tato, permitindo ao aluno fazer a assimilação do modelo com o conteúdo teórico ministrado na aula.

Esse modelo deverá deixar as aulas mais atrativas e dinâmicas, e facilitará a aprendizagem desse público específico, incluindo-os e os permitindo explorar outros sentidos que vão muito além da visão propriamente dita, e por fim, auxiliar o papel do professor.

Para confecção desse modelo didático, usamos o livro: Inspire Ciências, de Roberta Bruno e Thiago Macedo, 2021, da editora FTD, destinado para o 8º ano do fundamental anos finais. Utilizamos especificamente as páginas 14 a 18, que abordam sobre corpo humano e os tipos de tecidos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O uso de novas estratégias metodológicas com foco em atividades dinâmicas e inovadoras, auxiliam e ampliam o processo de aprendizagem dos alunos com deficiência visual.

Com o auxílio de modelos didáticos palpáveis garante-se um melhor desempenho para os alunos, uma vez que torna possível o aluno entender pelo toque, como de fato é a estrutura que ele apenas ouviu de forma teórica em sala de aula.

O objetivo ao final de cada aula é que os alunos com deficiência visual saiam da aula entendendo como é cada estrutura e como ela é formada, tudo isso com o auxílio dos modelos didáticos. Este trabalho, no momento em que ele foi apresentado, foi trazido no formato de referência bibliográfica, devido ao momento pandêmico que o mundo atravessava, com isso a forma de dar aulas foram sofrendo adaptações, como por exemplo: escolas com aula em regime híbrido, onde apenas uma parte dos alunos estavam presentes, e ainda, aula remotas, onde os alunos assistiam às aulas de casa.

Por fim, a palavra que define bem esse projeto é Inclusão. Pois, ao Criarmos um ambiente participativo e inclusivo onde todos possam participar e aprender de forma equiparada, estaremos alinhados com o que nos garante a constituição federal, A EDUCAÇÃO É PARA TODOS, e cabe a nós educadores possibilitar essa educação.

REFERÊNCIAS

AMIRALIAN, M. L. T. **Compreendendo o cego através do procedimento de desenhos-estórias: uma abordagem psicanalítica da influência de cegueira na organização da personalidade**. São Paulo/SP: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1992.

AMIRALIAN, M. L. T. O psicólogo e a pessoa com deficiência. In: E. A. F. S. Masini, E. Becker, E. B. Pinto, L. A. Amaral, M. J. Kovács & M. L. T. M. Amiralian. **Deficiência: alternativas de intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

ANDREGHETTI, E. et al. Inclusão social do deficiente visual: experiência e resultados de Assis. **Arquivo Brasileiro de Oftalmologia**, São Paulo, v. 72, n. 6, p. 776-782. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-27492009000600007&lng=en&nrm=isso>. Acesso em: 08 fev. 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BATALHA, D. V. Um breve passeio pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. **Anais do Congresso Nacional de Educação**, Curitiba, PR, Brasil, 9, 2009.

BLANCO, R. Aprendiendo en la Diversidad: implicaciones educativas, In: **Anais do III Congresso Ibero-Americano de Educação Especial**. V.1, Foz do Iguaçu, Paraná, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais**. 2. ed. Brasília: Corde, 1997.

BUENO, J. G. S. Educação inclusiva e a escolarização dos surdos. **Revista Integração**, Brasília, a.13, n. 23, p. 37-42, 2001.

BUENO, J. G. S. **Educação especial brasileira: integração/segregação do aluno diferente**. 2.ed. São Paulo: EDUC, 2004.

BUENO, J. G. S. **A educação inclusiva e as novas exigências para a formação de professores**: algumas considerações. Formação do Educador e Avaliação Educacional. São Paulo: UNESP, 1999.

CAMARGO, E. P. **Saberes docentes para a inclusão do aluno com deficiência visual em aulas de Física**. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

CERQUEIRA, J. B.; FERREIRA, M. A. Os recursos didáticos na educação especial. **Revista Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, v. 15, abr. 2000.

CORREA, P. M.; MANZINI, E. J. Um estudo sobre as condições de acessibilidade em pré- escolas. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 18, n. 2, p. 213-230, jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382012000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 fev. 2020.

CAIADO, K. R. M. **Aluno deficiente visual na escola**: lembranças e depoimentos. Campinas: Autores Associados, 2003.

CONSTITUIÇÃO da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, 1988. Acesso em 10 abril, 2022, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm.

COSTA, M. C. S. **Sentimentos de professores frente às dificuldades na prática da educação inclusiva de alunos com deficiência no ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2007.

CROCHÍK, J. L. Preconceito e inclusão. **Revista do Instituto Cultural Marc Chagall**, v. 3, n.1, p. 32-42, jan./jun. 2011.

Ferrel, K. A. Your child's development. In: Holbrook, M. C. (Org.). **Children with visual impairments: a parents' guide**. Scotland: Woodbine House, 1996. P.73-96.

FREITAS, L. C. Avaliação e as reformas dos anos de 1990: novas formas de exclusão, velhas formas de subordinação. **Educação & Sociedade**, v. 25, n.86, p.133-170, 2004.

GARCIA, M.C.G. **Políticas públicas de inclusão: uma análise no campo da educação especial brasileira**. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

LEI n.10.172, de 9 de janeiro de 2001. **Aprova o Plano Nacional e dá outras providências**. Recuperado em 16 abril, 2022 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm.

PIAGET, J. **Estudos sociológicos**. Rio de Janeiro: Forense; 1973. Originalmente publicado em 1965).

PIAGET, J. Las relaciones entre la inteligencia y la afectividad en el desarrollo niño. In: Delahanty G, Perrés J, eds. **Piaget y el psicoanálisis**. México: Ed. Universidad Autónoma Metropolitana, 1994. (Originalmente publicado em 1954).